Data: 20.11.2021

Titulo: E o Diabo chegou de pantufas

Pub: Expresso ECONOMIA

Tipo: Jornal Nacional Semanal **Secção:** Destaque **Pág:** 1;10

OPINIÃO

E o Diabo chegou de pantufas

JOÃO DUQUE E10

Área: 210cm²/ 8%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7278126

Data: 20.11.2021
Titulo: E o Diabo chegou de pantufas
Pub: Expresso ECONOMIA
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Destaque
Pág: 1;10
Área: 210cm²/ 8%
Tiragem: 123.400
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 7278126

"Confusion de Confusiones"

João Duque
jduque@iseg.ulisboa.pt

E o Diabo chegou de pantufas

Quando as reversões de António Costa começaram em 2016, bem apoiadas no PCP e no BE, galhofavam com os que ameaçavam com a chegada do Diabo. Estes, que o temiam, imaginaram que belzebu chegaria alardeando os chifres profusamente ornados de chocalhos. O tempo passava e do Diabo... nada. Continuaram pois a troçar os que prosseguiam a decretar medidas sobre medidas que repunham o que outros haviam dito que não podíamos fazer por não termos possibilidades. Pesarosos pela sua incapacidade preditiva, murchavam os que anteviam a chegada do mafarrico.

Finalmente, parece que o Governo socialista de Costa, os seus apoiantes na Assembleia e até o doutor Eugénio Rosa descobriram que a lei e o decreto não bastaram para fazer enriquecer os trabalhadores portugueses. Como foi possível? Eles mandaram. Eles decretaram. Eles até ameaçaram!

Em seis anos, o salário mínimo nacional aumentou por decreto 31,7%, mas o salário médio só subiu 12,6%. Pensaram que a subida daquele empurraria os outros?

Em seis anos, o salário mínimo nacional aumentou por decreto 31,7%, mas o salário médio só subiu 12,6%. Pensaram que a subida daquele empurraria os outros?

Para isso teria de ocorrer uma ou a conjunção de três condições: ou que este acréscimo de custos se repercutisse nos preços; ou que existissem ganhos de produtividade; ou que o capital ou o Estado prescindissem da sua quota na repartição do valor acrescentado gerado.

Na ausência de investimento, os ganhos de produtividade foram pífios. A nossa economia muito aberta, sem restrições à importação, criou quer nas exportações de bens e serviços quer nos preços do mercado interno uma enorme pressão concorrencial por via do preço.

Sem marcas valiosas e sem o reconhecimento de que os nossos produtos têm algo exclusivo que o mercado está disposto a pagar, os produtos nacionais raramente permitem uma subida de preços discricionária. Assim, quando aumentam os salários por decreto e com preços limitados pela concorrência, fica em causa a remuneração do fator capital ou a fatia do Estado. Como o Estado até aumentou o seu quinhão e o capital é livre de circular, este acabou por reagir como se esperava: não fugiu, mas o aumento do salário mínimo acabou por "ser pago" pelos outros trabalhadores.

Assim, de 11,3% de trabalhadores por conta de outrem a vencerem o salário mínimo em 2011 passámos para 21,1% em 2015 e já íamos em 22,1% em 2018. Isto é, os Governos aumentam o salário mínimo e as empresas, para se manterem concorrenciais, "penalizaram" o salário dos outros. E mesmo assim aumentaram a pobreza... Que bela estratégia.

O Diabo tem formas pérfidas de se fazer infiltrar, não tem?